



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

6 DE JANEIRO DE 1962
ANO XVII — N.º 465 — Preço 1

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA * FUNDADOR: Padre Américo * VALÉS DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS * COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

ANIVERSÁRIOS

OBRA DA RUA ★ BELEM ★

PASSARAM vinte e dois anos. Querendo retratá-los, em fotografia perenemente actualizada, não poderíamos encontrar imagem mais fiel nem mais feliz do que o salmo 22 — tantos os anos que a Obra faz!

Abstraiamos da personalidade de quem Deus escolheu para A gerar; de igual modo (e com maioria de razão!) daqueles que Deus marcou para A continuar — e contemplemos o diálogo entre a Obra da Rua e a sua consciência, neste dia festivo em que o SS. Nome de Jesus enche o Calendário da Igreja, esse Nome por cujo amor Deus A tem conduzido por caminhos rectos, que o Seu cajado e o Seu bordão suavizam.

Na verdade, se a «Obra da Rua» falasse e o quisesse fazer com palavras divinas — que outras mais apropriadas poderia dizer de si mesma do que este trecho da Inspiração ao Salmista?!

— «O Senhor apascenta-me: nada me falta».

Vinte e dois anos a experimentá-lo eu própria e a prová-lo aos que me conhecem e me amam, por causa do Teu Nome.

Há dias, um homem na força da vida me confidenciava: «Enchem-se-me de lágrimas os olhos, quando leio as listas do que vos dão».

É verdade! Cada linha destas listas, cada palavra, cada letra é uma manifestação da Tua infinita misericórdia. Cada dia da minha vida tem sido uma demonstração da Tua paternidade.

Pois se os homens, não sendo bons por natureza, não dão pedra por pão, nem escorpião por peixe aos filhos que lhes pedem de comer—como poderias responder aos filhos que em Ti confiam, Ó Pai Onnipotente e bom, senão como respondes?: dando-nos satisfação e repouso em pastagens vigorosas, junto de águas cris-

SALMO 22

*Yahweh é o meu Pastor: nada me falta.
Faz-me parar em prados verdejantes;
Conduz-me junto de águas repousantes
E aí sacia a minha alma.
Guia-me por caminhos concordantes
Com a santidade do Seu nome.*

*— Ainda que atravessasse um vale sombrio,
Não temerei porque Tu vais comigo.
E o Teu cajado e o Teu bordão
Far-me-ão tranquilo.*

*Pões-me a mesa —
E os meus inimigos a olhar...
Unges minha cabeça
E enches o meu copo a transbordar.
Seguir-me-ão em toda a minha vida
Tua bondade e graça.*

*E habitarei na casa de Yahweh
Eternamente.*

talinas que dessedentam as bocas e murmuram paz nas almas; libertando-nos dos caminhos enredados em que os nossos pés poderiam ficar presos e perder a caminhada!

Que me faltou até ao dia de hoje, que não me deses no tempo oportuno?!

E isto o fizeste em lugar alto, pondo-me a mesa diante do olhar mesquinho dos inimigos, mas mais ainda perante multidões de almas de

boa vontade, cujos olhos choram de alegria (qual sacramento de corações tocados pela Graça!) ao verem a tua solicitude paternal pelos pequeninos que a Ti se entregam.

Que riqueza para mim, teres-me feito pequenita! Que graça insuperável teres-me enraizado o desejo de ser sempre pequenita, um «pequenino bem», como gostava de dizer Pai Américo, o meu humano Fundador!

Que os meus vinte e dois anos tivessem sido esta demonstração, só ela—que cheia já não era a minha vida!

Quantos corações docemente feridos, quanto amor efectivamente provocado porque Te serviste de mim, como de um espelho para mostrares Teu Rosto aos homens que não crêem, para que creiam, e aos homens que acreditam, para que a sua Fé seja mais forte e fértil!

Nada me faltou — vinte e dois anos de vida dão testemunho.

E nada receio—nem que

Segue para a página QUATRO

FOI precisamente há três anos, na noite que se comemora a vinda de Jesus Mundo na desconfortável gruta de Belém,—foi nessa noite de Natal de 58, se abriram em Viseu as portas da pequena casa a quatro pequenitas sem... «Belém» nasceu assim, por amor de Jesus pequenino, reclinado nas palmas frias de tosca mangedoura, ignorado dos homens, desabrigado por eles.

Mas o aniversário consideramo-lo na Festa da Sagrada Família a Quem entregamos os cuidados destoutra família, estabelecida em seu nome, para que Jesus não permaneça abandonado dos homens, desabrigado por eles. Que Jesus, em concreto, para nós, não seja o Seu caminho a que nos chamou é a rapariga abandonada, em perigo já ou próximo; e será, quando Ele julgar oportuno, a mulher substituída em necessidade, seja esta qual for!

«Belém» começou, pequenina, «como é próprio das coisas destinadas a ser grandes» — para dizermos com Pai Américo — e hoje, a casa onde se realiza é demasiado pequena para as vinte garotas que a enchem até às telhas. E que dizer de tantas e tantas que lá fora, esperam por

um lugar e urge receber, e vá amanhã ser tarde demais. Nós sentimos, ainda neste paralelo com a «Obra da Rua». Também esta principia pequenina em Miranda do C...

Continua na página qua



PAI AMÉRICO

VIDA FAMILIAR

Não que notícias destas corram o risco de acabar!... Elas vão progredindo em número— e Deus permita que sempre os novos lares fundados por ra-

a «sua parte na herança»—a mais pura e a mais perene das riquezas capazes de fazer a felicidade dos seus lares. Que o amor do próximo complete

ria Teresa e o Machado, que foi de Miranda e do Lar de Coimbra e hoje trabalha nos eseritórios da Fábrica de Mosaicos AS e explora o quiosque na Praça da República, mesmo em frente à nova Sede da Associação Académica; a Maria Lúcia e o Augusto que trabalha no Hospital de São João, no Porto, e tem estudando à noite quase sôzinho e com uma tal tenacidade, que há quatro anos apenas tinha a instrução primária e hoje frequenta o 2.º ano do Instituto Comercial e, se Deus quiser, no próximo ano lectivo, frequentará a Faculdade de Economia; finalmente a Alice, que é irmã do Manuel Jorge, o novel Pai, e o Ferreira, que trabalha na Fábrica Adifeo em Avanca e sempre foi tão bom rapaz, que Deus o tem ajudado muito.

Aqui ficam estas simples novidades para regozijo daqueles que entenderam a essência da Obra da Rua e sentem com ela as suas alegrias, assim como as tristezas.

Do que nós necessitamos

É a aproximação da Festa Natalícia, um motivo forte e sério, para se praticar a virtude da Caridade.

Natal, significa para muita gente, a alimentação feita de iguarias sem par e o acabar de matar o corpo, mirrado já, de tudo que é prazer.

Outros porém, louvam a Jesus Menino com toda a devoção cristã, e entoam aos céus as mais veementes preces.

Nem pela tristeza dos tempos, nem pela hora má que a Nação atravessa, os nossos amigos de sempre deixaram de aparecer, nesta quadra festiva.

Que o Deus Menino a todos alcance com o Seu sorriso, e ouçamos com redobrada atenção o cântico dos Anjos: «Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade».

E vamos à recepção dos que, até nós vieram.

558\$50 do «primeiro ordenado do meu filho». 20\$ de «uma nossa irmã», com votos de B. F.

E o Porto com 20\$ mais 20\$, por Novembro e Dezembro. 197\$50, sobras de uma visita a Paço de Sousa e ao Calvário. Um vale postal de 1.050\$ de Santa Maria.

Como é hábito, cá está o Sr. Manuel da R. Corticeira, com duas presenças. E a Avó de Moscavide, também presente por 2 meses. 20\$ de Setúbal. «De uma amargurada pelo dia 22» 50\$ mais 50\$.

E por diversas intenções 100, 500, 300, 2.000\$ duma anónima e 5.000\$ de Lisboa. De graças obtidas e promessas cumpridas, 20\$ 150\$, 1.000\$, 100\$, 50\$, 100\$, 20\$, mais 50\$, 20\$, 200\$, 100\$ e 50\$.

Encomendas, pacotes pequenos e grandes e sei lá que mais, no Espelho da Moda. Lá como cá e tudo que é dirigido à Casa do Gaiato, é recebido. Não se aflijam os nossos amigos se não virem a sua oferta anotada, e tenham a certeza de que chegou.

Roupas usadas com o rótulo de «podem usar que é de pessoa saudável», de Vila Moreira, Contumil, Monte Estoril, Lisboa, Lourenço Marques. E o Porto com 17 camisas, da R. das Flores. Temos bons amigos em Riba d'Ave e de lá 1 peça de riscado. Da Fábrica de Poldrões 2 peças de pano e 1.000\$. Mais tecidos de Braga. E a senhora das camisolas, como dos mais anos apresenta-se com 50 delas. É de amor persistente, esta Senhora!

No mealheiro da Tabacaria Lusa da Praça da Batalha, 320. Dentro de um envelope 500\$. De uma Professora aposentada, 50\$. De alguém que pede a paz para as nossas Províncias Ultramarinas, 50\$. Mais 100\$ de um 1.º cabo, que presta serviço em Carmona. Que Deus esteja connosco, nesta hora amarga.

De um casal de padrinhos, pobres, 30\$. De «Um crente» 200\$. Um fato usado, de alguém que se encontra em Angola. 80\$, importe de uma multa que foi perdoada, mas que se considera justa, oferecendo-a à Casa do Gaiato. E a amizade da gerência da Fábrica Dragão, sempre satisfeita em nos oferecer rebolos, encomenda que amiudadas vezes fazemos.

Mais amor, na oferta singela do primeiro salário semanal, de uma aprendiz de costura, 18\$. De um advogado português, muito amigo, 5.000\$ «Humilde portuense» com 1.100\$. E as presenças de Novembro e Dezembro para a viúva da «Nota da Quinzena» e para ajudar uma mãe a alimentar seu filho. Também presente pelos dois meses, o já conhecido cartão: «Por alma daquela que eu tanto amei para a Obra que Ela tanto amava». Muitos e lindos cartões de boas festas, acompanhados de várias importâncias para vários fins. De um «casal belga» 50\$. Por intermédio de «O Comércio do Porto» 595\$. De Luanda 250\$. Gabela com 50\$, de Lourosa 210\$, Funchal com 100\$. «Um amigo da Obra» no Banco Espírito Santo, 20\$. Do Pessoal da Associação de Futebol do Porto 82\$50, em memória dum colega falecido.

Por intermédio da Ideal Rádio, 20\$. De Alguém que se lem-



Augusto e esposa

pazes nossos o sejam com a seriedade com que fizeram estes três, de que aqui damos conta.

essa garantia.

Pensando assim, sentindo assim, é que é possível esse postal que damos em fotocó-

Um pai feliz que lhe escreve, a dizer que tem um filho, e pede a sua Bênção para todos.
Manuel Jorge Pinheiro

Mas nesta hora de auiversário da Obra da Rua é-nos muito grato registar o crescimento da Família em novas Famílias que desta se desprendem, dela levando sempre algo da seiva vivificadora. Que a Fé, que a confiança em Deus nunca desmentida de que eles foram testemunhas durante tantos anos quantos aqueles que aqui permaneceram, sejam

pia, comunicando a boa nova do primeiro filho com que Deus abençoou o lar do Manuel Jorge. Que Deus o conserve nessa alegria, sejam quais forem os trabalhos e as consumições que os filhos lhe derem, certo daquilo que o Povo diz e é verdade: «Quem tem filhos tem cadilhos. Quem não tem, cadilhos tem».

Pois aqui vão em foto a Ma-



Machado e esposa



Ferreira e esposa

CAMPANHA DE ASSINATURAS

PORTO/LISBOA—Foi muito reduzido o movimento de gente fresca vindo das duas maiores urbes do país. E estou admirado. Sobretudo por a quadra natalícia ser mais que propícia aos objectivos da Campanha.

Mas houve presenças, há vida — e isso é o que interessa.

Pois que os devotos se não retraíam. E que outros dispam a *camisa de forças* da inércia e incendeiem tantas almas quantas puderem, e quiserem receber a mensagem de Paz que emerge do *Famoso*.

x x x

DO MINHO AO ALGARVE— Tanto amor, tanto interesse por estas bandas, meu Deus! É uma Campanha fumegante que alastra, que entusiasmo e que desperta novas energias.

Pròquê, bastar ler o S. O. S. deste postal:

«Rogo o especial favor de enviar o jornal para J. D. O. — Casal Vasco — Fornos de Algodres. Informo que este jornal não é conhecido nem a Obra da Rua, do Padre Américo, nas redondezas daquele concelho. Seria bom instruir os Padres dali a ver se se conseguiam algumas assinaturas».

Pode ser, realmente, que haja por ali sacerdotes capazes de arregaçar as mangas e não ter medo do frio ou da chuva. Vamos lá ver.

A procissão continua com gente fresca de Pousão (Vermoim-Maia) e Vilar do Pinheiro. A propósito: há dias, quando o Senhor Padre Aires (que foi de Ordins — e é...) tomou posse da freguesia de Santa Maria de

Vilar, eu disse lá que era boa ocasião do *Famoso* abrir ali suas asas. Não sei se a conquista referida foi obra de um leitor que assistiu à festa da tomada de posse do Senhor Padre Aires. Mas se não, fico ainda mais contente — porque o fogo alastra!

A seguir temos a presença de S. João da Madeira e Parede; Abrantes, Coimbra e Santarém; S. Mamede de Infesta, Queluz, Amadora e Valadares. Alto! Mais uma presença da nova freguesia do Senhor Padre Aires— Santa Maria do Vilar — pela mão do seu antecessor. Assim, até dá gosto!

x x x

ESTRANGEIRO — Os nossos leitores da América do Norte continuam em maré alta. Temos gente fresca de Nova York e de Newark. Da colónia portuguesa de Newark, sobretudo, nós esperamos uma razoável colheitezinha de assinaturas. Como já foi dito em o número transacto, uma senhora muito nossa amiga, residente na 94 Jackson Street, e que ora desenvolve por lá uma campanha de interesse pela nossa Obra, recebe gostosamente os nomes de quem deseja assinar o *Famoso*. Ora aí mesmo têm uma porta aberta. Mas, se fôr mais fácil enviar as listas pelo correio, recebemo-las com as mãos ambas.

E, por hoje, é tudo!

Júlio Mendes

Visado pela
Comissão de Censura



VOZ DE DAMÃO

Chales de Ordins

Esta é a primeira crónica a tratar da nossa recém-nascida conferência de S. Vicente de Paulo.

O fim desta, é o mesmo que tantas outras: *Fomentar a Piedade dos Confrades, mais ainda do que aliviar os Pobres.* E esta, por ser no meio de Soldados, é ainda mais do que qualquer outra para tal fim.

Há mais quem nos queira ajudar, quanto à saúde corporal, mas quem nos queira ajudar espiritualmente, quem queira ver a nossa alma bem tratada e bem guiada — há muito menos quem.

Estes últimos cuidados requerem mais sacrificios e muita mais caridade.

Estou em dizer que no nosso meio de soldados, é indispensável a Conferência de S. Vicente de Paulo. Quem aderir a esta com o verdadeiro espírito de vicentino não deixa de levar a peito os deveres da nossa Santa Religião e de levar outros a fazê-lo.

Qualquer pessoa que tenha sido ou vivido no meio dos militares, bem sabe a facilidade em que se cai no desleixo do cumprimento como cristãos e até muita vez como homem. E isto acontece porquê?... Poderei citar que é, na maior parte das vezes, por falta da devida assistência religiosa.

Ninguém me diga que onde houver um capelão resoluto e com verdadeiro espírito de apóstolo nos meio dos soldados não tire pelo menos algum rendimento espiritual dos mesmos. Um capelão que proceda como tal, terá pelo menos um núcleo de rapazes de boa vontade. Pois não «há rapazes maus».

Nós aqui vemos que realmente

as palavras do Pai Américo são verdadeiras.

Neste meio em que todos nós sabemos que se cria mais facilmente na corrupção, em menos de um mês, com a ajuda evidentemente do nosso capelão, fundou-se uma conferência para nosso bem e como tal para bem dos necessitados.

Primeiramente fomos dois a visitar os pobres, depois três e pouco tempo depois fomos sete.

Agora, com a Conferência pronta a trabalhar e com 2 reuniões feitas, podemos já contar treze vicentinos.

Cada um dá a sua cotazinha. Até ver é com estes pequenos óbulos que estamos a visitar os nossos irmãos pobres.

Escusado será dizer que esta crónica, assim como outras que através do tempo se seguirão, se se destina a pedir-vos um pequenino auxílio, não só material porque isso é o menos, mas ainda mais o auxílio espiritual.

Era bom que esta conferência continuasse, rendição após rendição. Para este fim havemos de trabalhar, mas vós amigos irmãos e leitores haveis de lembrar já os vossos filhos: parentes, amigos ou conhecidos. Sim, dizei-lhes que ainda em DAMÃO temos uma conferência de S. Vicente de Paulo em funcionamento e que deles require participação, para que nos ajudemos uns aos outros, pois nesta vida todas as ajudas são poucas.

Neste meio é bom haver um elo de ligação. E aqui julgamos começar por intermédio da conferência.

Assim a arma e a cruz jamais se separarão. Não devemos defender somente a nossa querida

brou de nós 500\$. Da assinante 28134, 100\$. Do Dundo 200 angolares. Os 20\$ do costume da R. da Madalena, e mais nada! Dum anónimo de Buarcos 50\$. Sever do Vouga com 500\$. Do Grupo Excursionista «Devagar-ao-Mar» de Espinho, 20\$. Da assinante 24165, 50\$. Ao assinante 16158 e ao assinante de Póvoa da Rainha, dizemos que sim. Tudo chegou bem.

Da Corporação de Pilotos da Barra do Douro e Leixões, recebemos 310\$. A presença amiga dum assinante de 90 anos, com 150\$. Da Fábrica Portuense de Curtumes, uma encomenda de sola. Clientes da nossa Tipografia, de Rio Tinto, com 500\$ e 100\$. Do Porto um cartãozinho e 200. Uma Regina procura mitigar alguma dor com 100\$. A assinante 4343, com 300\$ por Novembro e Dezembro.

Algés com 50\$. Leiria com 20\$. Foz Coa com 50\$. Da Rua dos Anjos. Lisboa, 50\$. Assinante 6790 com 20\$. De Tete, 100 moçambicanos. Vila Real com 100\$. De Penafiel 100\$. Gondomar com 50\$ e o Porto com 500\$. E a simpatia deste cartão: «Para chegar para muitos é um grãozinho a cada um», 20\$. E o já conhecido pessoal da Mobil com 47\$50. Da América, Nova York 3 dólares, por uma graça recebida.

Chamo a atenção de um assi-

nante de Carrizado de Montenegro que, num pequeno papel, enviou 20\$ com os seguintes dizeres: para o «Pão dos Pobres», e que deve ser para o livro ora editado. Porém, tenha a bondade de quebrar o anonimato afim de se descarregar a respectiva ficha da nossa editorial, senão... passa por *caloteiro!*

E mais roupas de Monção. Lourenço Marques com roupas para bebé. E Lisboa com um pacote delas. Mais Lisboa com 8 pulovers, 2 blusas e brinquetes. E 2 pacotes de flanela, para cá e Miranda e mais 600\$, tudo de «Uma Alentejana», já conhecida nestas colunas. Mais roupas de Aveiro e Malhas Silves de Santo Tirso. Por intermédio de F. da Silva Cunha, do Porto, 18 metros de cheviote. Esta e outras ofertas são sempre muito apreciadas. E que a rapaziada gosta de andar com um fato catita.

Para fecho, cá está o Pessoal da Tecelagem da Fábrica do Jacinto, L.da entregando 800\$, «rogando a Deus, por intercessão de Pai Américo, saúde para todos nós e também para os nossos Patrões que são eles que nos dão trabalho para podermos auxiliar essa obra de carinho e amor pelo próximo».

Para todos, os nossos agradecimentos, com votos de Novo Ano cheio de paz e bênçãos.

Manuel Pinto

Pátria, mas também a nossa Religião, a qual os nossos antepassados já tão heróicamente defenderam.

No nosso tempo é bom que nós assim ajamos, porque se puermos a cruz para o lado, de certo que a espada mais dia menos dia também irá.

Agora passo a transcrever a acta da primeira reunião:

«Aos vinte de Novembro de mil novecentos e sessenta e um, reuniu-se pela primeira vez a Conferência de S. António (Fernando de Bolhões, então soldado de Infantaria em Lagos) da Sociedade de S. Vicente de Paulo do Agrupamento «D. Constantino de Bragança» — Damão.

Nesta primeira sessão estiveram presentes, além do assistente religioso, nosso capelão, os vicentinos seguintes:

F. Dias, José Moreira, José Amado, Mário de Sousa, Vitor Vilas e Vitor Ribeiro.

Seguidamente foi elegida a mesa pelos presentes, a qual ficou constituída da maneira seguinte:

Presidente, F. Dias. Tesoureiro, José Duarte. Secretário, José Amado.

Após isto, abordou-se o capítulo da visita aos pobres, começando por se ouvir sugestões de alguns confrades, que já anteriormente os visitavam. Havendo uma concordata entre os membros e com a aprovação do nosso Assistente Religioso, que, futuramente, as duas famílias continuariam a ser visitadas e auxiliadas como até então.

Antes de se encerrar a reunião, fez-se um apelo a todos os presentes para que nos empregássemos, trabalhando no meio dos nossos camaradas, para o engrandecimento desta nossa Conferência.

Por não haver mais nada a tratar encerrou-se a sessão, ficando marcada a próxima reunião para as 9 horas do dia 26 do corrente — Domingo — e ela será efectuada na Sé Catedral de Damão».

Fernando Dias

Nota da Redacção:—Curta foi a duração desta Voz. Calou-se, mal murmurou a primeira vez. Que pena! Até por isto, que pena!

Quem dera que há muito e sempre e em todo o lugar, animasse os nossos soldados o mesmo espírito que encheu o Fernando Dias e os seus companheiros: «Não devemos defender somente a nossa querida Pátria, mas também a nossa Religião, a qual os nossos antepassados já tão heróicamente defenderam».

«No nosso tempo é bom que nós assim ajamos, porque se puermos a cruz para o lado, de certo que a espada mais dia menos dia também irá». E foi! Tão depressa foi!

Na hora em que se publica esta Voz de Damão, não sabemos de mais nenhuma voz do nosso Fernando, nem do nosso «Gaia» — os dois que por lá temos, cuja sorte nos traz especialmente angustiados.

UM POUCO DE CALOR

Dizia-nos um nosso amigo de Lisboa:

«Com a chegada do tempo frio — estou esperançado que as consciências entorpecidas pelo calor e bem estar da abundância, despertem enfim, e ajudem a acabar com as férias forçadas.

Com certeza que a nudez do presépio irá lembrar que Jesus treme de frio em muitos dos nossos irmãos.

Tu, leitor que me escutas, não tens à tua porta uma velhinha que treme com o frio da idade, o frio da estação e o frio do abandono?

Não passa à tua porta uma criancinha roxa de frio a caminho da escola, para quem o único agasalho são essas lágrimas que lhe rolam pela face?

Não se cruza contigo pela rua uma mãe, (como a tua...), que para agasalhar o seu menino, apenas veste uma pobre blusa de riscado sobre a pele?

E se tu a uma e outra cobrisses com um dos nossos chales, ou vestisses uma das nossas camisolas?

Ah! Então as lágrimas que agora vês, mudar-se-iam de dor em gratidão, e o calor da tua esmola viria dar mais aconchego ao lar das nossas tecedeiras! Com que alegria ouvirias à roda do presépio o coro dos anjos: «paz na terra aos homens de boa vontade!» Assim ouvirá, com certeza, esse nosso amigo que, depois de nos pagar a 7.^a dúzia de chales nos entregou 20 para agasalharmos alguns dos nossos Pobres.

Não é o Natal a festa da família? Então não podemos esquecer os nossos irmãos. Levá-los um pouco de alegria onde há tristeza; um pouco de paz onde não há esperança; um pouco de calor onde reina o frio — eis o nosso desejo. Para isso é preciso também algo do vosso conforto. Pelo menos não nos falteis com o Amparo das vossas orações.

Que o Deus Menino a todos traga a paz das Alturas.

x x x

Seguiram para Lisboa 8 chales, 3 para Paço de Arcos, 1 para o Porto, Olho Marinho, Tolosa, Cartaxo, Aveiro, Sacavém, Coimbra etc.

De Castelo Branco pedem-nos dois tapetes. As camisolas e as pegas continuam a ser pedidas de Lisboa, Beire, etc. Obrigado, «Guidinha Portuense», cá recebemos a sua «migalhinha». Tudo bem!

O Porto parece que nos esqueceu, precisamos das vossas encomendas.

Para todos, feliz Ano Novo no Senhor.

P.e Pires

Nota da Redacção:

P.e Pires é o sucessor de P.e Aires em Ordins — um jovem sacerdote recém-ordenado, que veste com o fogo da sua juventude uma ânsia de dedicação ao

próximo, que os anos não hão-de consumir. «Deus é a alegria, a Fonte da nossa juventude!»

Será ele de ora em diante o responsável por esta rubrica, o que não quer dizer que, uma vez ou outra, P.e Aires não volte a subscrevê-la. De resto, P.e Aires não demorará aí muito com notícias de S. Maria de Vilar. Cristo está crucificado em todos os lugares, pequenos ou grandes, onde espera pela nossa solicitude na pessoa dos «mais pequeninos». E Padre Aires não é de adormecer sobre este cuidado. A Obra que ele levantou e P.e Pires há-de manter de pé, na primitiva aléia que é Ordins, só daqui a anos se poderá avaliar mais profundamente, quando começarem a aloirar as espigas de um esforço de elevação humana, muitas vezes incompreendido, outras mal compreendido por gregos e troianos, sem que tal jamais tivesse alterado a marcha serena e firme de P.e Aires. A Obra que ele ergueu em Ordins é uma lição de quanto pode quem quer aquilo que Deus quer e nele espera contra toda a razão humana de esperar.

Esta palavra é nada, não diz nada da veneração que P.e Aires nos merece. Menos diz de amizade fraterna que nos une em Cristo nosso Irmão, da qual é ele mesmo a testemunhar neste seu bilheteinho:

«Tenha-me em espírito à mesa, na noite de Natal. Não me separe! Desejo-lhe, e a todos os que trabalham na Obra da Rua um Natal cheio de Cristo e as maiores bênçãos do Senhor no Novo Ano que se avizinha».

Pelas Casas do Gaite

MIRANDA

—O «Piloto» está velho. Há tantos anos que ele era o «guarda noturno» da nossa quinta. Cumpriu bem a sua missão. Na ânsia de o substituir, veio para cá uma cadela que o Grilho trouxe da Lousã. Por essa altura a Rádio-Televisão apresentava uma série de episódios, em que a protagonista principal era uma cadela chamada «Lassie». O nome pegou e por cá anda a «Lassie», embora não dá para substituir o velho Piloto, pois não passa de um ratito. Há pouco veio de Coimbra um cão ainda pequeno e como o programa da moda cá em casa é o «Rim...tim...tim...» e o principal papel volta a caber a um cão com este nome, o nosso também já dá pelo nome. Vamos a ver se este já substitui o «Piloto», senão, temos que esperar e ver qual o «programa que se segue».

—O que nós aspiramos pois é verdade amigos leitores. O ano passado fizemos no vão duma escada, por parecer um lugar vazio e frio, um gruta em cortiça, tornando o sitio do mais lindos da nossa casa. Como estas escadas dão acesso às camaratas quando estas são varridas, vem o pó e por vezes o lixo e entranha-se na cortiça, tornando-se muito difícil tirá-lo de lá, visto ser cortiça virgem. S. aspirando. E como desde que foi feita, nunca pôde ser limpa em condições, nós apelamos para ti leitor que tens um Aspirador velho em tua casa do qual a tua criada já se não serve e podias, se quiseses, enviá-lo para nós, servindo depois também para limpeza da casa. Amigo leitor, estamos a ver-te levantar o dedo. Muito agradecido e até à próxima se Deus quiser.

Gabrie

★ BELEM ✱

Vem da primeira página vo; e cresceu, sem que ninguém fizesse nada para tão rápido e vigoroso crescimento; e deixou de caber. E pôs-se o problema da transplantação... E a solução dele foi Paço de Sousa e mais tarde o Tojal e Setúbal e Beire e os Lares do Gaiato.

Para «Belém» já souo a hora e torna-se cada vez mais forte a voz dessa exigência. Não somos

OBRA DA RUA

Vem da página um

haja de atravessar vales de mortíferas sombras povoados de escolhos e de perigos, — enquanto fôres comigo, melhor, enquanto eu fôr conTigo, encostada ao Teu bordão, armada com o Teu cajado!

Por isso as vagas têm desabado sobre mim — e eu tranqüila—porque Tu estás comigo. Assim foi. Assim tem sido. Assim será. O Teu amor por mim tem excedido em delicadeza o que nem eu seria capaz de imaginar: Tens-me levado a lugares de fartura e de descanso; tens-me segurado e defendido dos perigos de mim própria e dos que não me amam; tens-me levantado diante destes, assim como diante dos que me querem bem; tens derramado sobre mim em abundância o óleo da Tua predilecção e talhado na medida da Tua misericórdia a minha parte na herança. Assim precedida e seguida, em todos estes dias dos meus vinte e dois anos, pela Tua bondade e pela Tua graça — «a quem hei-de eu querer ir, senão a Ti, o Único que tens palavras de vida eterna?»—e aí permanecer para sempre em Tua casa, junto de Ti.

xxx

Esta a meditação agradecida e humilde, simples como a Verdade, da «Obra da Rua» em diálogo com a sua consciência. Se Ela falasse e o fizesse com palavras divinas, podia ser assim.

Regressando ao pensamento de quem Deus escolheu para A gerar e de quem Deus, marcou para A continuar — resta flectir os joelhos, erguer os corações ao Céu e todos, uma só voz, pedirmos ao Senhor que glorifique aquele e apascente estes e os guie por caminhos rectos, por causa do Seu Nome e os conduza aos prados verdejantes, às águas repousantes — lhes dê morada para sempre no Seu Coração.

nós que a provocamos! Mas também não queremos estorvar o que parece ser a vontade de Deus.

E quem sabe se Ele não está à espera de que a nau seja maior, para mandar alguém que venha comungar na grandeza da tormenta?!

É, pois, precisa nova casa, uma quintarola de três ou quatro hectares. Não convém muito longe da cidade uma casa toda de mulheres, com dificuldades em transporte. Também gostaríamos de não sair de Viseu, já que foram aqui nossos primeiros trabalhos.

Temos procurado; temos corrido quantas quintas se anunciam por aí. Tivemos, mesmo, uma oferta de terreno, mas muito longe e sem construção alguma onde principiarmos. Esperamos que estes senhores hão-de compreender a nossa renda e a boa vontade da sua ajuda é algo com que continuamos a contar.

Pois bem! Achámos uma quinta com casa e instalações agrícolas — tudo na marca para umas 40 raparigas e com possibilidade de chegarmos às 60 com pequenas obras. É aqui perto. Fica às portas de Viseu. Está já preparada para a iniciação das nossas raparigas em trabalhos de horticultura, fruticultura e pecuária—como é bom que os saibam raparigas cujo dote será a sua capacidade de trabalhar. Para já apenas um entrave! São oitocentos contos — e não temos nenhum!

Ora nós nem queremos chamar entrave a um problema de dinheiro. Nunca ele se pôs, até ao dia de hoje e o Pai Celeste jamais nos faltou com o preciso! Será necessária uma Procissão para a nova Casa de «Belém»? Bastará este grito de alerta?!

Nós acreditamos e confiamos na infinita misericórdia de Deus, que há-de abrir: primeiro os corações de todos que nos lêem; depois as suas bolsas.

Como a «Obra da Rua», como «Belém» até ao dia de hoje, nós contamos e desejamos que a nova casa seja comprada com a multidão de migalhas e fatias, cada uma na dimensão proporcional ao toque de Deus na alma de quem na parte.

Vamos a ver!

No 1.º domingo do Advento esteve entre nós o Senhor P.e Carlos. Falou sobre a Obra em todas as missas celebradas na nossa Paróquia, conforme o combinado há muito com o nosso Pároco. Também o Sr. P.e Horácio nos fez a agradável surpresa da sua visita, no dia em que se completavam três anos sobre a saída a lume da primeira notícia sobre «Belém» neste jornal. O Rev.do Pároco de S. José pôs a Igreja à sua disposição e lá falou da Obra. Da Ribeira deu um salto ao Seminário das Missões onde celebrou a Missa das 10, a convite do P.e Superior.

As vendedoras do jornal trataram de se pôr em acção e não queiram saber quanto entusiasmo delas se apossou, ao verem as saquitas cheias a transbordar. Se era a primeira vez que tal acontecia!... Total recolhido — 5.425\$00.

Ora eu, por ter sido esta quantia angariada no dia em que foi, pela forma como foi e na terra que viu nascer a Obra, queria guardá-la intacta, qual fermento que há-de levedar toda a massa. Abro, portanto, com ela a relação dos donativos que espero hão-de chegar a «Belém» para os fins expostos: a compra da nova casa. E acrescento já o produto da venda do último jornal — 303\$00.

Segue a nota das presenças à Obra, onde, como verão, não vem qualquer quantidade destinada à nova moradia. Mas prouvera a Deus que estes donativos fossem de molde a podermos pôr de parte alguns para esse fim.

Para o Natal das belenitas, 50 de Lisboa e mais 150\$ da mesma cidade. 130 de Paço de Sousa, Nota mensal de 20 de anónima de Lisboa. Nota mensal de 20 da Farmácia Confiança de Viseu. O Casal R. D. de Viseu voltou com duas de 50 pela festa da Imaculada Conceição. Contribuição de 50, mensal de Maria Cecília e Marido, de Braga. Por intermédio do Tribunal Judicial do Porto, 500 de Senhora que se encontra estudando no Estrangeiro. 100 da Amiga de Ladeira de Castelões. Esmolas recebidas em casa — 280\$.

Não é só com dinheiro que se pode contribuir para a aquisição da nova casa. As esmolas em



Este é o «presépio vivo» onde nasceu «Belém». Tomara o dia em que pudermos dar aqui a face do «presépio» maior para onde há que transplantá-lo.

BARREDO

O tempo do Natal chama-nos a uma mais íntima união com os nossos irmãos. Mais do que em nenhum outro, parece, sentimo-nos mais irmãos, mais filhos do mesmo Pai pelo Baptismo.

Há já bastante tempo que não descíamos ao Barredo. Não pudemos aguentar mais esta ausência e estiveram lá na véspera do Natal. Graças a Deus, não fomos encontrar, na maior parte dos lares, a nudez e o vazio de outras visitas. Encontrámos, porém, a necessidade de uma presença activa e perseverante de alguém junto dos Pobres do Barredo que os ajude a sair da miséria moral em que caíram, já que nos parece chegado o momento desta ser maior do que a miséria material. Graças a Deus que o Barredo deixou de ser lugar esquecido e abandonado, para se tornar em centro de atracção de corações generosos, dispostos ao sacrifício e a renúncias sem conta, por amor de Deus e amor das almas que ali vivem.

A presença do novo Centro Social, ali junto da Ribeira, veio trazer a todos os que se afligem com os problemas dos outros e em especial com os problemas dos nossos «barredos», uma esperança confiante de que foi encontrado o Caminho que há-de levar aqueles seres a viverem como homens feitos à imagem e semelhança de Deus. Trabalho difícil e moroso. Tanto mais difícil quanto mais nós, homens mesquinhos, nos julgamos no direito de semear e colher aquilo que semeamos, esquecendo-nos de que, no Reino de Deus, uns são os semeadores e podem ser outros os ceifeiros. O Senhor da messe é quem dirige os trabalhos. Importa, pois, para que não haja desperdício de energias e trabalho em vão, que todos os obreiros de um Barredo que é preciso salvar — corpo e alma — se coloquem na dependência total do Único Obreiro que é Cristo Salvador e trabalhem unidos, empurrados pela Sua Justiça e Caridade. É que não há força que resista àquele que trabalha assim. E o Barredo tem necessidade urgente de obreiros desta tèmpera.

xxx

Foi um dia de chuva aquele 24 de Dezembro. De chuva e frio. Éramos cinco. De Paço de Sousa foi o Neca vicentino. Confiemos muito no bem que

roupas, géneros alimentícios, calçado, etc. fazem diminuir as despesas ordinárias permitindo-nos economizar mais dinheiro.

Roupas de Lisboa, dos Açores, da Assinante 17550 de Lisboa e várias encomendas de outros pontos da Metrópole. De Que-luz, dois grandes embrulhos. Roupas e brinquedos de Peniche. Uma capa e brinquedos de benfeitores de Viseu. (Quem atende o pedido da Fatinha e manda mais capas para as vendedoras do jornal?) Pelo C. F. um guarda chuva e roupas usadas. Tecidos de lã de Maceira-Liz e vários embrulhos com roupas calçado e brinquedos, por intermédio de Paço de Sousa.

Farinhas, óleo, margarina e leite, da «Caritas». Castanhas, hortaliça, pão e bolos de famílias amigas de Viseu.

Bem-hajam! Não esquecermos os nossos benfeitores aos pés da Sagrada Família, pedindo para todos novo ano repleto da Paz do Senhor.

Iaês — «Belém» — Viseu

as Conferências vicentinas podem fazer aos seus membros. Primeiro a eles, depois aos Pobres. Começamos na Capela de Fradedos, à roda do Altar, com a celebração do Sacrifício da Missa. Lembrámos, cheios de saudade e incerteza, e ao mesmo tempo cheios de Esperança, os nossos que estão na Índia — o «Gaiato» e o Fernando Dias. O nosso Fernando Dias de quem não temos notícias, e que era o companheiro inseparável e apaixonado das voltas pelo Barredo.

Como gostávamos também que nos acompanhasse agora! Por amor dele vimos lágrimas em muitos lares que visitámos. Os Pobres do Barredo sentiam-no como se fosse membro da sua família. É assim a paga de quem se dá por amor.

Rua dos Mercadores. Rua da Banharia, Escadas do Barredo, R. da Fonte Taurina e R. da Reboleira viram-nos passar.

O Senhor Francisco Dionísio, de cama, antigo combatente da grande guerra, chorava como uma criança ao saber notícias do seu antigo visitador. Subimos ao 5.º andar do n.º 18 dos Mercadores a levar as Boas-Festas àquela mãe de cinco filhos, à espera de mais um, que é feliz porque o seu homem vai arranjando trabalho para o pão de cada dia. É uma heroína.

Vimos a Rosinha da Ribeira, sentada à porta a vender bugangas, naqueles dias em que a doença lhe permite. Entramos no n.º 2 da Rua do Barredo. A desolação do costume.

Não basta matar-lhes a fome. É preciso ajudá-los a criar hábitos de vida digna e a sair daquelas... Isto só será possível na medida em que houver uma assistência assídua e perseverante. Ali à beira, outro casal com um rancho de filhos. Feliz enquanto a cabeça vai tendo trabalho para o pão de cada dia. A maior aflicção desta pobre gente é, sem dúvida, a incerteza do dia de amanhã. E a nossa peregrinação continua.

Em quase todos os lares havia uma consoada abundante que lhes havia sido distribuída horas antes.

Quem dera que este interesse e preocupação pelo Barredo não fosse apenas de um dia ou de uma noite, mas de todos os dias e de todas as noites!

Padre Manuel António

Adquira o livro
«PÃO DOS POBRES»
II VOLUME

Pedidos à Editora: Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

